

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS



“U” e “Onde”. DO LATIM AO PORTUGUÊS. UM PERCURSO DE VARIAÇÃO E  
MUDANÇA.

SARA VIEIRA LUCAS

BRASÍLIA, 2018.

SARA VIEIRA LUCAS

“U” e “Onde”. DO LATIM AO PORTUGUÊS. UM PERCURSO DE VARIAÇÃO E MUDANÇA.

Trabalho apresentado ao Curso de Letras-Português da Universidade de Brasília como pré-requisito ao título de licenciado em Língua Portuguesa e sua respectiva literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Soledade Barbosa Coelho.

BRASÍLIA, 2018.

*“A boa educação é moeda de ouro. Em toda parte tem valor”*

Padre Antônio Vieira

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a Deus, por sempre conduzir meus caminhos.

Aos meus pais, Geny e Edmilson, que mesmo com toda dificuldade não deixaram de me apoiar durante esses quatro anos e meio e sempre fizeram o possível e o impossível para que eu tivesse uma educação de qualidade.

À minha irmã Veronica, pelo companheirismo desses 21 anos.

À minha professora orientadora, Juliana Soledade por ter aceitado embarcar nessa aventura que é estudar a história da língua.

Aos meus amigos Isaías, Júlia e Joice que estiveram comigo durante toda graduação e sempre foram muito solícitos.

Aos meus companheiros de trabalho do Centro Interescolar de Línguas de Brazlândia por fazerem minhas manhãs mais felizes.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO .....	6
2.METODOLOGIA.....	7
3.REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
3.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO HISTÓRICO DA LÍNGUA .....	8
3.2 HISTÓRIA DOS ADVÉRBIOS.....	8
3.3 O QUE É UM ADVÉRBO? .....	9
3.4 ADVÉRBIOS DE LUGAR E ESPAÇO.....	10
3.5 OS ADVÉRBIOS “U” e “ONDE” NO PERÍODO ARCAICO .....	11
4. ANÁLISE DE DADOS .....	13
5. CONCLUSÃO.....	17
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18
7. APÊNDICE.....	19

## 1.INTRODUÇÃO

A construção da língua portuguesa está diretamente ligada a uma questão territorial. Sabe-se que o berço da Língua Portuguesa estava localizado no Noroeste da Península Ibérica. Por ser uma região mais afastada e por ter sido colonizada tardiamente em relação às outras regiões, o berço da Língua Portuguesa ainda contou com uma base conservadora, essa vinda da Bética, comunidade isolada onde não passavam rotas de comércio e as pessoas eram letradas com base no latim do século I.

Outro grande fator na formação da língua portuguesa está relacionado ao seu principal estrato que é o latim vulgar, que era uma espécie da língua falada desde os primórdios da Roma antiga até a origem das línguas românicas.

Após a influência desses fatores, a língua portuguesa passou por um período chamado de arcaico que se divide em duas fases, a primeira do século XII ao XIV, em que a língua pode ser definida como galego-portuguesa e a segunda nos séculos XV e XVI em que a língua portuguesa já se diferencia do galego.

Do século XII ao XIV no condado galego portocalense falava-se galego-português. O português surge após o rei Afonso Henriques tomar o condado de sua mãe e romper com Leão e Castela, assim, no século XIII é publicada uma lei em que os documentos oficiais deixavam de ser escritos em latim para serem escritos apenas em português arcaico, o galego-português ainda resistiu até meados do século XVI.

No século XVI a língua portuguesa é normatizada e passa a adquirir a estrutura do português atual. Neste século também constam os primeiros registros de gramáticas e dicionários.

## 2.METODOLOGIA

A língua está em constante movimento, e ao decorrer desse percurso ela esbarra com fenômenos que a modificam, entre eles a variação e a mudança. Levando em consideração o conceito de variação como as diversas formas de expressão da língua, determinada por alguns fatores como: região, contexto sociocultural, idade, sexo, grau de escolaridade. E o conceito mudança como um processo que a língua passa ao decorrer do tempo, onde a forma nova prevalece sobre a antiga. Ambos serão analisados neste trabalho através do estudo de textos do o século XIII ao século XVI, observando nesses textos as diversas realizações e principais contextos em que o advérbio “onde” aparecia na língua.

Durante a pesquisa foram analisados textos do site “Corpus Informatizado do Português Medieval”, com o objetivo de achar os primeiras representações do advérbio “onde” nos primórdios da língua portuguesa.

Foram analisados Documentos Notoriais, cantigas, tratados, crônicas e livros, somando um total de 39 textos. Após uma análise dessa linha histórica esse trabalho teve como pretensão concluir quando a ideia de lugar e espaço deixou de ser representada por dois advérbios que estavam em concorrência no período arcaico: as formas *u* e *onde*, e a partir de quando segunda forma prevaleceu sobre a primeira.

### **3.REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO HISTÓRICO DA LÍNGUA**

Assim como o povo, a língua também possui uma história, e ao decorrer do seu percurso histórico ela passou por diversas transformações até chegar na forma de língua contemporânea aqui falada. Diversas expressões, palavras que os falantes não entendem de onde vieram, mas mesmo assim as utilizam diariamente convivem com formas inovadoras que vão sendo incorporadas à língua vinda de fontes vernaculares ou estrangeiras

Como colocado pela professora Rosa Virgínia Mattos e Silva na introdução do seu livro “O português arcaico”, o estudo da história da língua mostra como fenômenos passados podem explicar fenômenos do presente, visto que a língua carrega sua herança. Estudar a história vai além de apenas estudar o origem das regras e teorias gramaticais, inclui o estudo de toda uma cultura, e de questões que ultrapassam somente a unidade básica de comunicação, ainda mais tratando-se da língua portuguesa que tem sua origem fortemente ligada a uma questão territorial.

Outro fator elencado pela a autora é o de que a língua portuguesa até meados do século XVI não possuía nenhum documento que a normatizasse, apenas escritos com diversas variações na grafia, logo, por não ter a atual separação fala x escrita o texto escrito muito se aproximava da fala, sendo assim, os escritos de tal época tornam-se fortes instrumentos para o estudo do uso da língua portuguesa em seus primeiros anos.

#### **3.2 HISTÓRIA DOS ADVÉRBIOS**

Assim como a maioria das palavras da língua portuguesa a classe dos advérbios é oriunda do latim. Eram então constituídos de casos: os ablativos (1º e 2º declinação), os locativos, acusativos singulares neutros, acusativos singulares femininos e os acusativos de tema em “i”.

Algumas das classificações atribuídas aos mesmos são mantidas até hoje no português contemporâneo (lugar, tempo, modo e qualidade). Os advérbios de lugar geralmente tinham que responder as perguntas colocadas pelos pronomes interrogativos ( Ubi? – onde?, quo?- para onde?, unde?- donde? , qua?- por onde?) cujas respostas poderiam ser referidas com o uso de um advérbio de lugar propriamente dito: *hic* - aqui; *illic* - ali; *ibi* - aí; *ubique* - em toda a parte; *alibi* - em outro lugar; *huc* - para cá; *istuc* - para aí; *illuc* - para lá; *eo* - para ali; *hinc* - daqui; *istinc* - dali; *illinc* - daí; *hac* - por aqui; *istac* - por aí e *illac* - por ali. Respostas essas que sempre informavam ao interlocutor/ leitor mais sobre o que estava sendo contado, desde aí é possível notar a importância desses organizadores textuais na história da língua, na elaboração de textos mais claros e informativos.

### 3.3 O QUE É UM ADVÉRBIO?

Ao pesquisar a palavra advérbio o primeiro conceito que se encontra é o de que o advérbio seria um modificador do verbo. Dentre todos os conceitos, o que parece definir melhor o que é um advérbio é o de Bechara .

“O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.”(BECHARA, 1999:287).

Câmara, em sua gramática os subdivide em advérbios: locativos, temporais, e os de natureza pronominal, estes que segundo autor teriam a capacidade se estabelecer determinada situação em determinado espaço/tempo.

Já Celso Cunha em sua gramática divide os advérbios em: advérbios de afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação, de tempo ordem, exclusão e designação. Há também a locução adverbial que ocorre quando duas ou mais palavras em um mesmo sintagma desempenharão a função de advérbio. Porém essa subdivisão torna-se confusa em relação a determinadas situações, como por exemplo o advérbio “onde” que pode assumir também um

contexto interrogativo como no exemplo “Onde acontecerá a festa?”, prender-se a essa subdivisão categoricamente faz com que ocasiões como essas causem dúvidas, principalmente a alunos que estão começando a ter suas experiências com análises.

Em sua classificação gramatical os advérbios são denominados com a mesma nomenclatura, porém, na análise sintática os mesmos recebem o título de “Adjunto Adverbial”. Como pode-se ver no exemplo abaixo “Aquela mulher era muito bonita”, se isolar a palavra “muito” fora desse contexto somente por sua significação ela será classificada como advérbio, porém, dentro do contexto da oração anteriormente apresentada essa palavra será identificada como adjunto adverbial.

Perini (1996), coloca em pauta uma questão significativa a respeito dos advérbios, onde argumenta que essa classe possui duas facetas, a semântica e a sintática, a primeira agindo como um complemento à ação e a segunda como uma forma de agregar característica a um constituinte da oração, neste caso, o verbo, contudo, Perini ainda coloca que esses dois fatores ainda não seriam suficientes para definir categoricamente toda classe, visto que advérbios de afirmação e dúvida não seriam capazes de modificar um verbo.

### 3.4 ADVÉRBIOS DE LUGAR E ESPAÇO

Na língua portuguesa esse tipo de advérbio é utilizado para indicar o local onde determinada situação aconteceu, está acontecendo ou acontecerá. Abaixo é possível notar exemplo da ocorrências desses em diversas situações e tempos verbais.

“ A caneta está **ali**”

“**Amanhã** a festa será aqui em minha casa”

“O prédio que desabou estava localizado na rua **onde** eu vivia”

Também conhecidos como advérbios circunstancializadores, os advérbios de lugar também são subdivididos em dois grupos: o primeiro que

possuiria uma relação direta com as duas pessoas do discurso (emissor e receptor), também chamados dêiticos. Ao contrário do segundo grupo eles podem desempenhar sintaticamente outra função além da adverbial, a de sujeito.

**Aqui** jamais será o lugar onde viverei. (Sujeito)

Eu **sempre** estarei aqui lhe esperando. (Adjunto adverbial)

O segundo grupo dos advérbios locativos nem sempre responderão a pergunta *onde?* já que seu referencial não será tão objetivo quanto os do primeiro grupo, advérbios como longe e perto fazem parte desse grupo, e diferentemente do grupo dos dêiticos esses não serão capazes de desempenhar uma função sintática em um oração.

### 3.5 OS ADVÉRBIOS “U” e “ONDE” NO PERÍODO ARCAICO

A forma dos advérbios de lugar indicando uma pergunta de ubiquidade no período arcaico da língua, como dito anteriormente, variavam entre as formas *U* e *Onde*, que por sua vez tem origens diversas. *U* tem origem direta no advérbio interrogativo latino *Ubi?* que significava diretamente ‘onde?’, já o *Onde* vem do advérbio interrogativo *Unde?* que significava ‘*donde?*’.

No período arcaico os advérbios interrogativos assumiram o valor de advérbio interrogativo e de advérbio de lugar, passando ambos, posteriormente, ainda no período arcaico, a assumir o valor de pronome relativo.

Assim, verifica-se que, das quatro formas latinas *Ubi?* – *onde?*, *quo?*-*para onde?*, *unde?*-*donde?* *de onde?*, *qua?*-*por onde?*, apenas duas sobrevivem no período arcaico da língua portuguesa, essa observação pode ser vista em Said Ali (1971):

Do latim para o português arcaico, verifica-se a redução de quatro para duas as formas expressivas de lugar. Said Ali (1971) discorre sobre o sistema adverbial locativo arcaico:

“para denotar o lugar de presença, e o lugar de procedência, serviram à linguagem antiga os advérbios u (latim ubi), também grafado hu, e onde (latim unde), podendo ambos fazer às vezes de pronome relativo” (SAID ALI, 1971, p. 185).

Segundo Santos Souza (2010) é interessante notar que, no período arcaico, diante do uso da preposição de para indicar procedência, surge, analogicamente, a forma “donde”, encontrada em textos arcaicos como o “Santo Graal”. A forma “donde” se vulgariza de tal maneira que a ocorrência do “onde” sem a preposição passa a ser admitida como sinônimo de “u”. A modificação semântica, conforme assegura Said Ali (1971), leva a um período de confusão de empregos. Há, ainda, no glossário da obra “A Demanda do Santo Graal”, o registro da forma “du”, uma fusão da preposição “de” com “u”, em alusão a “donde”. No período trecentista, os registros de hu são mais frequentes que os de “onde”, conforme pondera Mattos e Silva (1989). Ao primeiro são atribuídas as possibilidades semânticas de “ponto em que” e “ponto a que”, enquanto “ponto de que” se aplica ao segundo. Ao associar-se à preposição per, a forma hu, nos “Diálogos de São Gregório” (século XIII), indica o “ponto através de que”.

Em suma, fica claro que entre os séculos XIII e XVI há grande variação entre esses itens, o que será demonstrado em nossa análise.

#### 4. ANÁLISE DE DADOS

Durante a pesquisa foram analisados textos do século XIII ao século XVI, e entre esses textos encontraram-se diversas representações do gráficas do atual “onde”, latino “unde”, são elas: “on’d”, “honde” e “onde” essa última vigente até hoje na língua portuguesa. Já as variantes gráficas do advérbio Ubi se revelam como “u” e “hu”.

Em cantigas de amigo do século XIII é possível encontrar algumas das formas de representação desse advérbio. Como nos exemplos abaixo:

“Que non pudi veer cousa on’d ouvesse gasalho” (CAMI004, L2)

“ E des ia saia per u Deus quiser” (CAMI048, L5/15)

Observando esses tipos de representações, é possível afirmar que desde escritos do século XIII, as duas já se faziam presentes nos textos, porém, ainda que o “on’d” com essa grafia sobressaia diante das outras representações, talvez, por conta de sua maior flexibilidade em adentrar as sentenças, visto que a forma “u” em mais de cinquenta por cento dos casos que aparecia independentemente do contexto ( Cantigas, documentos notoriais, livros) era precedida pela preposição “per” atualmente conhecida na língua portuguesa como preposição “por”.

Ainda em relação ao tipo de estrutura formada pela junção dessas duas palavras (per+ u), é possível afirmar que além de existirem advérbios, começava-se a ocorrência das primeiras locuções adverbiais, tendo em vista que essa construção traduzida ao português contemporâneo seria a atual locução adverbial “por onde”.

“Ne~em todas sas cosas (e) que ~quer q(ue) a q(ui) d (e) mandea- p (er) u for” ( DN007, L70)

“E des i saia per u Deus quiser” (CAMI048, L15)

Ond’ eu seja mais pagado” (CAM125, L28)

“ Nenhûa cousa ond’ aja sabor” ( CAM 125, L9)

Como comentado acima, é possível enxergar na forma “onde” uma maior adequação quanto a sentença, nesses dois últimos casos, a palavra se enquadra tanto no início da sentença como no meio, ao contrário do caso do “u”, que sempre aparece antecedido do “per” e não possuiria tal flexibilidade para se movimentar na sentença como a primeira forma.

Apesar de não encontrada nas pesquisas do corpus, cabe também uma análise sobre a etimologia do *onde*. A palavra que deu origem a esse advérbio apresentava-se em textos do latim desde o século VI.

“Si ponatur sub uestibus demoniaci dicta radix, confitebitur demon quis et unde sit et.”

“Se puser a dita raiz debaixo das vestes dum endemoninhado, o demônio confessará quem é, e donde é, e fugirá.”

“De fumo unde fit febris.”

“De fumo que origina a febre.”

Nos dois casos observa-se que a palavra “unde”, traz o sentido de origem de alguma coisa. Porém, é comprovado que o advérbio aqui estudado parte dessa palavra. Em uma rápida comparação dos dois vocábulos percebe-se que apenas uma letra faz com que a escrita dos dois não seja igual. Analisado ainda sobre a argumentação da professora Rosa Virginia Mattos e Silva (2010), em que a mesma coloca a aproximação da dicotomia fala x escrita nesses primeiros séculos, cabe aqui a análise de uma mudança que possivelmente ocorreu primeiro na fala e refletiu na escrita, onde ocorre o abaixamento de uma vogal alta “u” para um vogal média “o” unde>onde.

No século XIV, ainda encontra-se as duas formas, contudo, o “on’d” assim grafado passa aparecer com menos frequência e a forma “onde”, passa a ser mais encontrada. Com base em estudos de transformações fonológicas, esse acréscimo do “e” na última sílaba da palavra, foneticamente é analisado como o fenômeno da paragoge (fenômeno fonético em que é acrescentado um fonema na última sílaba da palavra).

“Amor, onde lhes ven gran mal” (CAM141, L009)

“Antr’os que leterados som, onde vergonha prenderá” (CEM430, L18)

“Nos lugares onde cumprir de se fazerem, e depois levarem suas armas bem postamente e deshi cavalgarem bem” (CS,CAP2,L128).

Após uma comparação feita entre textos de mesma classificação, todavia, em diferentes séculos (cantigas de escárnio e maldizer dos séculos XIII e XIV), observa-se a ocorrência de ambas formas, no caso das quatro cantigas analisadas do século XIII foram encontradas cinco ocorrências de *onde* e nenhuma de *u*, já nas cantigas no século XIV foram encontradas três ocorrências de *u* contra somente uma de *onde*, durante os séculos XIII e XIV, mesmo com a ocorrência de ambas formas, o domínio do *onde* já era evidente perante a forma “u”, embora essa ainda não estivesse desaparecida.

No século XV ocorre um divisor de águas entre essas duas formas de representação, observa-se uma total dominação do “onde” sobre o “u”, nos textos se torna praticamente impossível achar o *u* como uma representação da ideia de espaço/ tempo, inclusive já ocorre uma outra construção da locução adverbial já analisada acima, porém, com a troca do *u* por *onde*. Construção essa que até o momento não era encontrada em nenhum dos textos analisados, tal fato comprova a dominação de uma forma sobre a outra. Na linha história dos documentos notariais percebe-se o desaparecimento dessa forma *u* (ver tabela, p. ), e ao mesmo tempo a soberania do *onde* a partir dos documentos do século XV.

“As quaaes tu estenderas pella t(e)rra lugares & praças p(er) onde as S(e)n(h)oras & Jeeralmente todallas molheres” (LTV, FÓLIO1v, L18)

Outra forma de representação do *onde* foi também encontrada em textos desse século, como o “honde” grafado com *h* no início.

No século XVI o *onde* continua sendo grafado das duas formas *onde*/*honde*, porém nota-se o aparecimento de uma terceira forma que é o *donde*, esta que aparece em alguns momentos como uma explicação de origem (de *onde*), e em algumas situações em substituindo o próprio *onde*.

“E em casa donde chorã avemos nõ de riir, mas chorar, pois chorando nascemos” (CAT, LIVRO1, CAP10, L24)

“E, porque este mundo he valle donde corre~ e se ajuntam todallas tribulações,” (CAT, LIVRO 10, LINHA23).

Confirma-se também nesse século o desaparecimento do u como forma de representação da ideia de espaço/ lugar. Já que em todos os textos analisados não foi encontrado nenhuma realização do mesmo. Neste caso pode-se falar de mudança, já que uma forma prevaleceu sobre outra.

## 5. CONCLUSÃO

É inevitável não reconhecer a importância do estudo da história se tratando da língua portuguesa, língua essa que é falada por mais de 250 milhões de pessoas no mundo, mas como afirmou professora Rosa Virgínia Mattos e Silva é preciso voltar ao passado para explicar o presente.

Ao observar o percurso histórico desse advérbio, conclui-se que ocorreu com ele os dois fenômenos (variação e mudança), primeiramente porque existiam duas formas de representação da ideia de lugar/ espaço, ( *u* e *onde*), que eram inseridas no texto de acordo com o contexto e assim permaneceu até o final do século XIV, porém, durante a transição do século XIV para o século XV, ocorre o que chamamos de mudança, já que uma forma sobressai a outra, o “u” é extinguido e o onde passa a desempenhar esse papel em todos os contextos. Forma essa que prevalece até os dias atuais.

## 6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus. 25 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOMFIM, Eneida. Advérbios. São Paulo: Editora Ática S. A., 1988.

Gramática do português culto falado no Brasil / coordenação Geral: Ataliba T. de Castilho; organização: Mary Aizawa Kato, Milton do Nascimento. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

KILIAN, Carina; DALPIN, Laurindo. ANÁLISE DIACRÔNICA DA CLASSE DOS ADVÉRBIOS: DO LATIM AO PORTUGUÊS. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 9, n. 1, p. 155-175, 2008.

PERINI, M. A. Gramática do português. São Paulo: Ática, 2006.

SANTOS SOUZA, A. O problema da classificação do item “onde”: advérbio ou pronome? In; *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá: 2010. pps 263-270.

MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. O Português Arcaico - Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Contexto; Edição: 1ª. p.208, 2006.

TEIXEIRA, Zenaide Dias. PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DOS ADVÉRBIOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO / Zenaide Dias Teixeira; orientador Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles. -- Brasília, 2015. p.173.

## 7. APÊNDICE

### CANTIGAS DE AMIGO (SÉC XVIII)

SÉCULO XIII	DOC	CONTEXTO	LINHA/ VERSO
XIII	CAMI004	Que non pudi veer cousa on'd ouvesse gasalho	L2
XIII	CAMI024	Non foi u ir avia	L7
XIII	CAMI047	Non vos ide, on'd ei prazer	L3
XIII	CAMI048	E des i saia per u Deus quiser	L5/L15

### CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER (SÉC XVIII)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA/VERS O
XIII	CEM014	E onde sal, i s'ar torn'a jazer	L6
XIII	CEM021	Onde carregaram tam gran mostea	L10
XIII	CEM023	"E non vi mia senhor, ond' hei gram doo" "E nom vi mia senhor, ond' hei desejo"	L9/L15
XIII	CEM041	"Ca Dom Ansier, on'd el [e] meos val	

### CANTIGAS DE AMOR (SÉCULO XVIII)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA/VERSO
XIII	CAM065	"Querer tal molher ond' ei"	L 32
XIII	CAM 084	" Nenhûa cousa ond' aja sabor"	L9
XIII	CAM 125	" Ond' eu seja mais pagado"	L28

## CANTIGAS DE SANTA MARIA

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA/ VERSO
XIII	CSM001	“U deytan a cevada”	L8
XIII	CSM005	“ Santa Maria, a Madre de Deus, ond’ este cantar fiz’	L6
XIII	CSM006	“Foron correndo a casa ond’ essa voz vee~ era”	L76
XIII	CSM009	“O monge da dona non foi connoçudo, onde prazer ouve, e ir-se quisera;” “e deu-ll’ a omagen, ond’ ela foi certa,”	L150/ 162

## DOCUMENTOS NOTORIAIS (SÉC XIII)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XIII	DN007	“Ne~em todas sas cobsas (e) que ~quer q(ue) a q(ui) d (e) mandea- p (er) u for”	L 70

## DOS COSTUMES DE SANTARÉM (SÉCULO XIII)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XIII	CS1	“Esse lhj aruor talhar ou britar ou ara~car deue-lhj a dar outra tal na ssa erdade q(eu) logre ata q(eu) ssej’a tal a sua ata aq(eu)l tempo & eu aq(eu)l logo onde a leuou.”	L40

## DOCUMENTOS NOTORIAIS (SÉCULO XIV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XIV	DN085	“D(omi)ne. p(or) todos aq(ue)les(e) aq(ue)las onde ouue ben (e) Aiuda (e) a q(ue~) so´o´ teuda. E o d(i)to Priol crasteyro”	L12
XIV	DN109	“ f(e)cto foy e~ b(ra)gaa nas pousadas onde pousa o d(i)cto lopo gil vijnte (e) oyto “	L9

## CANTIGAS DE AMOR (SÉCULO XIV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XIV	CAM140	“des u me partir de vos; ca, per u quer que ande,”	L019
XIV	CAM141	“Amor, onde lhes ven gran mal;”	L009
XIV	CAM499	“nem ond' eu aja pesar nem prazer.”	L7/L14/L21

## CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER (SÉCULO XIV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA/VERSO
XIV	CEM418	“em cas sa madr[e], u foi el criado;”	L18
XIV	CEM419	“Ali u comigo falou do casamento seu e d'al”	L13
XIV	CEM427	“ca per ali per u a fez reer”	L15
XIV	CEM430	“antr'os que leterados som, onde vergonha prenderá”	L18

## LIVRO DE MONTARIA (SÉCULO XIV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XIV	CS	“Diz que Deus quiz nacer en proveza porque elle onde estava, en os ceos, avia todo bem”	Prólogo L23
XIV	CS	“nos lugares onde cumprir de se fazerem, e depois levarem suas armas bem apostamente e deshi cavalgarem bem”	Cap 2/ L128
XIV	CS	“pois onde mais morrem mayor perigo he, e demais non vam con tal entençom os que vam ao monte como os mercadores quando passam o mar”	Cap 6/ L20
XIV	CS	“Forçado sera que tenha o coração en como á-de ir aaquella busca, demais se he longe onde assi á-de ir e lhe vem esclarecendo a manham”	Cap7/ L34
XIV	CS	“e doutras arvores e que as estonou a pedaços e que as lançou na agua onde hiam a beber as ovelhas”	Cap9/ L34

## CRÔNICA GERAL DA ESPANHA (SÉCULO XIX)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XIV	CGE	“Onde, se ben pararmos mentes da prol que nos vedas scripturas.”	FÓLIO 1C/ L4
XIV	CGE	“Onde he de saber, segundo dizem os [autores] das estórias”	FÓLIO 2B/ L6
XIV	CGE	“veo Yelisia onde veerom depois os Gregos que son Oelides e os Celicianos que pobraram Cillicia.”	FÓLIO 2D/ L10
XIV	CGE	“poseron nome Ylion ao castello honde morava el rey.”	FÓLIO 2D/ L15

XIV	CGE	“E, despois, chegandosse ao rio que dissemos, o qual corre contra ouriente des onde nace ataa honde se mete e~no mar, poseronlhe nome Hebro”	FÓLIO 2D/L34
XIV	CGE	“poseronlhe nome Sil e a pobra foy des onde nace ataa onde se mete e~no mar”	FÓLIO 3C/ L5
XIV	CGE	“E despois per tempo arrybaron onde agora chama~ o Porto hu~as gentes e~ naves que eram degradados de sua terra”	FÓLIO 3C/ L7
XIV	CGE	“E ten des honde nace este ryo na serra de Segura ataa onde se mete e~ no grande mar antre o poente e o meo dia acerca da ylha de Calez.”	FÓLIO 3C/ L12
XIV	CGE	“Onde devedes de saber que, despois que Hercolles ouve feytas todas estas cousas que avedes ouvydo e outras muytas que no~ dissemos por no~ alongar, ouve dez naves e meteusse em ellas e entrou e~no mar e passou de Affrica em Espanha.”	FÓLIO 4D/L2

## DOCUMENTOS NOTORIAIS (SÉC XV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XV	DN162	“Do mes de jan(eiro) no most(eiro) de ujlarynho na camara onde pousa E estaua b(asco)”	L011
XV	DN163	“Roto (e) por Ronp(er) de monte em ffonte p(er) onde os elles mjlor (e) mais conp(ri)dame~te poderem auer (e) achar E q(ue) ffaçam em elles qua~ta bemffeitóri’a “	L036
XV	DN169	“aRonper (e) per honde os Elle Joham p(er)ijz (e) pessoas depos Elle mjlor poderem”	L020

XV	DN171	“todos seus d(e)rr(ei)t(os) o dito p(ri)or (e) sseus soccessores possam penhora(r) (e) mandar penhorar em q(ua)esquer be~es dos dit(os) enp(ra)zadores honde quer que forem achados E durant(e)”	L011
----	-------	--	------

TRATADO DE COFISSION (SÉC XV)

DEMANDA DO SANTO GRAAL (SÉC XV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XV	DSG	“E ele querra´ que serei bo~o~ e cousa que semelhe minha linhagem e aqueles onde eu venho.”	FÓLIO 1D/ LINHA 06
XV	DSG	“ca vo´s receberedes por ende o maior golpe ou chaga onde haveredes pavor de morte ou morreredes.”	FÓLIO 4A/ L10
XV	DSG	“Deus, beento sejas tu que te prouve de tanto viver eu, que eu em minha casa visse aquele onde todos profetas desta terra e das outras profetizarom”	FÓLIO 5C/ L4
XV	DSG	“tal que depois da minha morte seja contado e onde hajam que retraer nossos herees.”	FÓLIO 7a/ LINHA 1

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XV	1489-TC	“Onde diz Santo Æbrosio	L14

		que o iuiz quando uyer ao iuizo nõ deue a iulgar”	
XV	1489-TC	“Onde se huu~ home~ ante alguu~ iuiz he acusado de algu~a cousa falsame~te”	L16
XV	1489-TC	“Onde que~ estes quatorze artigos nõ sabe nõ pode saber a cree~ça de Deus conpridame~te.”	L1342
XV	1489-TC	“onde deuemos saber que os mãdame~tos sõ per muytas guisas, huu~s sõ sprituaes e outros corporaaes.”	L2262

## LIVRO DA ENSINANÇA DO BEM CAVALGAR TODA SELA (SEC XV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XV	LEBC	“e sabedores em sofrerem bem seus cavallos e saberemsse delles ajudar onde e como compre”	FÓLIO 100r/ L5
XV	LEBC	“E ainda lhe pode prestar por se demostrarem, onde quer que forem,”	FÓLIO 100r/ L9
XV	LEBC	“segundo sera declarado onde fallar da maneira que os home~e~s devem teer pera se guardar de nom cair pera diante”	FÓLIO 102v/ L9
XV	LEBC	“tornar a poer as ma~a~os acerca onde as tinha”	FÓLIO 103r/ L4

## LIVRO DAS TRES VERTUDES (SÉC XV)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XV	LTV	“as quaaes tu estenderas pella t(e)rra lugares & praças p(er) onde as S(e)n(h)oras & Jeeralmente todallas molheres”	FÓLIO 1v/L18

XV	LTV	“onde aprendam o doçe canto daquellas q(ue) senpre hi fezerom morada “	FÓLIO 1v/ L23
XV	LTV	“ha carne onde tu es arreigada”	FÓLIO 5r/L3
XV	LTV	“E [e]sguarda bem de nouo onde te leua esta maldita soberua”	FÓLIO 5v/ L 11 8

## CATECISMO (XVI)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XVI	CAT	“donde veremos crara e abertame~te e conheceremos a primeira e su~ma verdade,”	LIVRO 1/ CAP 2/ L9
XVI	CAT	“E donde há special dificuldade e~ as cousas da fee, hy há special artigo”	LIVRO 1/ CAP 5/ L4
XVI	CAT	“¡E, porque as sentenças da fee está espargidas pella Sagrada Scriptura, de donde os ignorâtes as não saberiã apanhar e os letrados as recolheriã cõ trabalho e dificuldade”	LIVRO 1/ CAP 5/ L4
XVI	CAT	“cõposto e~ a çidade de Niçea donde erã ((11r)) trezentos e dezoito bispos aju~tados a decrarar e explicar cõtra Arrio e outros herejes a fe scrita em o Simbolo dos Apostollos”	LIVRO 1/ CAP 5/ L10
XVI	CAT	“De donde parece ho error dos que entrã ou se mete~ em te~taçõ dãdo ocasiõ aas te~tações,”	LIVRO 1/ CAP 8/ L 38

XVI	CAT	“E, porque este mundo he valle donde corre~ e se ajuntam todallas tribulações,”	LIVRO 1/CAP10/ L23
XVI	CAT	“E em casa donde chorã avemos nõ de riir, mas chorar, pois chorando nascemos”	LIVRO 1/ CAP 10/ L24
XVI	CAT	“tornada pera nossa çidade e terra dos vive~tes, donde toda lagrima e miseria cessará”	LIVRO 1/ CAP10/ L26
XVI	CAT	“e onde nõ ouver ley toma a ty por ley e faze.lhe o que em tal tempo e lugar e negocio querias que te fizessem”	LIVRO 2/ CAP2/ L 19

## DOCUMENTOS NOTORIAIS ( SÉCULO XVI)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINH A
XVI	DN200	“E p(er) todos outros sse(us) direitos possam penhorar p(er) si (e) mandar penhorar p(er) se(us) home~es nos be~es dos sobredi(c)t(os) enprazadores honde quer q(ue) achados forem hos quaaes”	L18
XVI	DN203	“de carualhosa seg(undo) forma de testam(ento) (e) doaçom p(er) onde ho dito forroo a dicta” “ser ceguo (e) na~ v(er) p(er) onde asynar (e) out(ro)s mujt(os) eu g(onçalo) f(e)rr(nande)z t(abeliam) pp(robico) dell Rej “	L14/ L39
XVI	DN209	“(e) p(er)a o poente de valo a valo tem cento (e) quorenta varas (e) do traues contra o poente trinta (e) seis varas (e) do norte em conprido honde faz a chae setenta (e) sete varas parte do norte” “allq(uei)r(e)s som de boa tera (e) outros dous de muyto Roim tera (e) tem na testada contra o nacente hu~s carualinhos #iiij allq(uei)r(e)s, (item) ho canpo das gandras de baixo todo çerado sobre sy tem em traves” “que a todo p(re)sente fui (e) o vi (e) ouuj asy dizer (e) fazer esto esp(ri)ui em minha nota donde tirei este p(er) mj~ esp(ri)to fiellmente p(er)a o dito p(rocuroador) e esto esp(ri)ui (e) asynei de meu p(ublico) synall que tall he he Rogado”	L54/ L56/ L88

XVI	DN211	” E que c(ri)em as estacas com os adubios nesecarjos (e) metam out(ra)s honde comp(ri)r (e) as aruores de frujta de cauar (e) alimpar (e)” “emxertar (e) meter out(ra)s honde comp(ri)r de man(eira) que toda esta qujnta~a ande bem corregida E ap(ro)ueitada melhorada (e) nom peJorada (e)se”	L21/L 22
-----	-------	---	-------------

#### CRÔNICAS DO REI BIZAMO (SÉCULO XVI)

SÉC	DOC	CONTEXTO	LINHA
XVI	CRB	“ onde jaa na~o tinha outra sallvaça~o sena~o a mort”	TÍTULO 1/ L22
XVI	CRB	“que era d onde elle estava passante de quinhentas leguoas”	TÍTULO 2/ L3
XVI	CRB	“que diz a strorya que lhe llamçara~o hu~a pedra tamanha que ella sso o fez vir arrybeira per honde a vontade d el rey querya”	TÍTULO 4/ L22
XVI	CRB	“E despois de morto o doente mamda~o lavar o cha~o onde estava deytado o doente”	TÍTULO 23/ L7
XVI	CRB	“E tanto que chega~o no lugar onde ha~o de queimar lamça~o dinheiro segumdo podem, e enta~o lhe po~em o foguo, e esta~o aly atee que se acaba~o de queimar o corpo todo”	TÍTULO 23/ L12